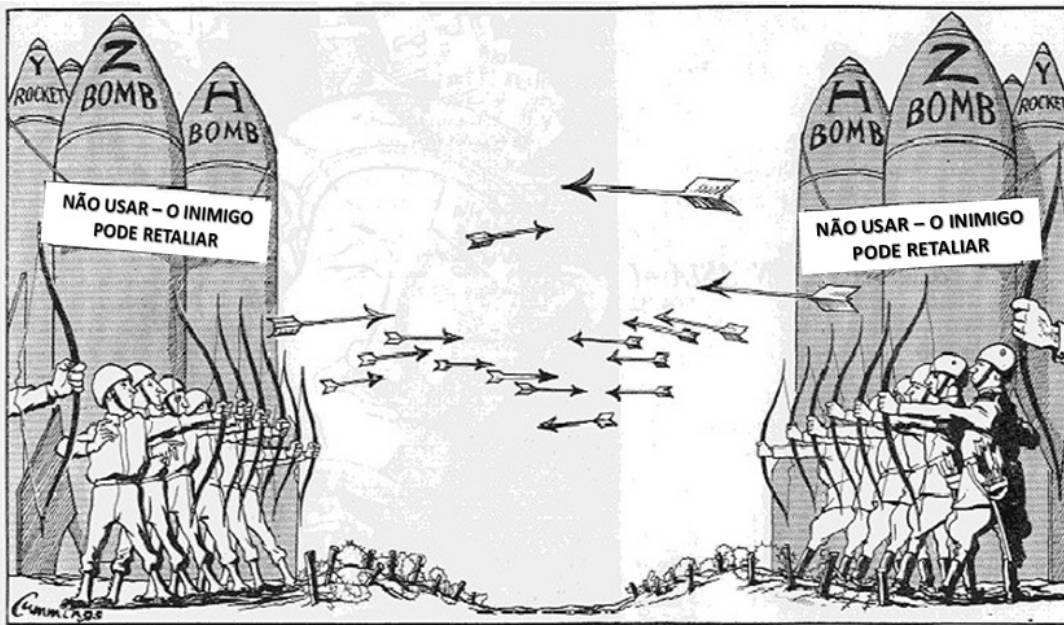


# DE COMO A DISSUAÇÃO NUCLEAR SE VAI AJUSTANDO AOS TEMPOS MODERNOS

## Baionetas e armas nucleares

O termo “baionetas”, como sinónimo de “força”, foi consagrado pelo príncipe de Talleyrand, através da conhecida frase «com as baionetas podemos fazer tudo, menos sentarmo-nos nelas». Também há quem cite a mesma frase atribuindo-a ao diplomata espanhol Emilio Castelar. E, sobre o mesmo tema, há quem refira que a expressão traduz inteiramente o pensamento de Napoleão sobre o exercício do poder.

Já em pleno século XX, autor que desconheço partiu desta construção para, com igual realismo e uma ponta de humor, formular uma ideia simétrica respeitante à utilidade das armas nucleares: «as armas nucleares só servem para nos sentarmos nelas». A gravura que se segue reflecte bem o espírito dessa afirmação.



Na base destas afirmações de presumida inutilidade encontrava-se – e ainda se encontra – a confiança na eficácia da **dissuasão nuclear**, a qual se consolidou desde que os EUA deixaram de ser a única potência a dispor deste armamento, por se ter assumido que a eventual retaliação da parte atacada não compensava a iniciativa do seu emprego. Esta atitude funcionou muito bem durante a Guerra Fria, entre o Ocidente (EUA, Reino Unido e França) e a União Soviética, e estendeu-se à China quando esta se tornou, também, potência nuclear. Posteriormente, Paquistão, Índia e Coreia do Norte tornaram-se abertamente potências nucleares e Israel não assumiu essa condição.

Sublinhe-se que nenhuma das principais potências – EUA, Rússia e China – se movimentou militarmente ou ameaçou fazê-lo perante o desenvolvimento dos programas nucleares dos outros países. Dir-se-ia, por conseguinte, que lhes bastava a DISSUAÇÃO que o seu próprio armamento proporcionava. Mas, entretanto, registaram-se alguns episódios curiosos.

## A desnuclearização das ex-repúblicas da União Soviética

Após a dissolução da União Soviética, em 1991, milhares de ogivas nucleares ficaram dispersas por quatro novos países independentes: a Federação Russa, a Ucrânia, a Bielorrússia e o Cazaquistão. O desmantelamento e a centralização desse vasto arsenal foram acordados através do *Memorando de Budapeste*, em 1994, pelo qual a Federação Russa se tornava na única sucessora legítima do espólio atômico soviético. Em contrapartida, Estados Unidos, Reino Unido, Rússia, França e China – à época as únicas potências nucleares assumidas – deram à Ucrânia, Bielorrússia e Cazaquistão garantias de segurança e respeito pelas suas fronteiras. Toda esta operação diplomática se destinava a pôr em prática a bondosa ideia de travar a proliferação das armas nucleares, para a qual, de resto, se criara, em 1970, um tratado apropriado, o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP).

Quando, em 2014 (Crimeia) e 2022, a Federação Russa invadiu a Ucrânia, numa guerra de conquista que se arrasta há longos anos, a sensatez da adesão ao TNP entrou em profunda crise de credibilidade e deve ter deixado muitas médias potências a considerar a pertinência da aquisição de armamento nuclear.

## A superioridade militar das potências nucleares

Dando alguma razão à ideia atrás recordada, de que «as armas nucleares só servem para nos sentarmos nelas», a história militar da segunda metade do século XX proporcionou um conjunto de exemplos que demonstram a possibilidade de uma potência nuclear ser derrotada por acção de um país/povo não-detentor desse armamento. Basta lembrarmo-nos do fracasso norte-americano no Vietname e da União Soviética no Afeganistão. Já no século actual, o mesmo se poderá afirmar do insucesso militar dos EUA e seus aliados no Iraque e no Afeganistão. E, cúmulo da ironia, da atribulada ‘operação militar especial’ da Federação Russa em território da Ucrânia. Agora mesmo, nos nossos dias, a estrondosa superioridade da aliança americano-israelense no ataque ao Irão produziu um memorando de entendimento que não parece ir desembocar numa clara derrota do regime iraniano. Mais: ficou bastante perceptível que a posse de armas nucleares *não protege o agressor de uma retaliação convencional*, circunstância largamente ampliada com as novas armas de baixo custo e grande eficácia ao dispor dos agredidos. Deve sublinhar-se, no entanto, que, no caso da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, se têm verificado, por parte de figuras gradas do regime de Moscovo, várias ameaças de emprego de armas nucleares, sobretudo coincidindo com períodos de maior resistência das forças militares ucranianas. Ainda há poucos dias, no seguimento das acções ucranianas contra alvos energéticos nos arredores de S. Petersburgo e Moscovo, verberava Konstantin Malofeev, proprietário do canal de TV russo *Tsargrad*:

Que mais tem de acontecer para nos pormos a lutar em termos práticos? A guerra significa vitória a todo o custo. Por que razão não empregamos as armas nucleares que os nossos pais desenvolveram e armazenaram, precisamente para esse fim?<sup>1</sup>

## O caso único do Irão

Afirmei atrás que nenhuma das principais potências – EUA, Rússia e China – se movimentou militarmente, ou ameaçou fazê-lo, perante o desenvolvimento dos programas nucleares da

---

<sup>1</sup> <https://substack.com/home/post/p-203754066>

Índia, do Paquistão, da Coreia do Norte e, muito menos, de Israel. A excepção a esta norma foi, recentemente, formulada em torno da pressentida possibilidade de o Irão se tornar, também, uma potência nuclear. O assunto tinha tido um momento de forte acção militar dos EUA, em Junho de 2025, durante o qual as instalações do programa de enriquecimento de urânio haviam sido fortemente bombardeadas e dadas como “obliteradas”, na própria linguagem triunfalista do presidente Trump. Quando, em Novembro seguinte, foi tornada pública a *Estratégia de Segurança Nacional* (National Security Strategy), a questão do IRÃO apareceu mencionada por duas vezes, ambas para recordar que, conforme é referido na mensagem do presidente que abre o documento, “Na operação Midnight Hammer, obliterámos a capacidade de enriquecimento nuclear do Irão.”

No início de 2026 foi perceptível que, insatisfeitos com a ‘obliteração’ conseguida, EUA e Israel se preparavam para novo ataque ao Irão. Embora os objectivos da operação nunca tivessem sido expostos de forma clara, de declaração em declaração (de Trump) e perante a dificuldade em terminar o conflito, a justificação final foi-se aproximando da fórmula *oposição decidida a que o Irão obtenha armas nucleares*.

De forma bastante agressiva, tanto os EUA como Israel têm insistido nessa oposição, na **suposta** convicção de que, contrariamente aos outros países (Índia, Paquistão, Coreia do Norte), *o Irão empregaria imediatamente esse armamento* para destruir Israel. Nesta argumentação, dou por falta de uma explicação, da parte do governo de Washington, para a ineficácia da DISSUASÃO. De facto, para que a atitude diferente dos EUA em relação ao Irão tenha lógica, seria necessário considerar – e AFIRMAR publicamente – que o regime de Teerão estava determinado a SUICIDAR-SE por via de uma retaliação nuclear, só para, primeiramente, poder cumprir a sublime missão de enviar uns mísseis com ogiva nuclear contra Israel.

O simples facto de ninguém vir pôr a questão nestes termos deve ser suficiente para garantir que todo este caso está muito mal contado e que estamos perante uma despudorada agressão à inteligência (à ‘natural’, claro).

David Martelo – 28 de Junho de 2026